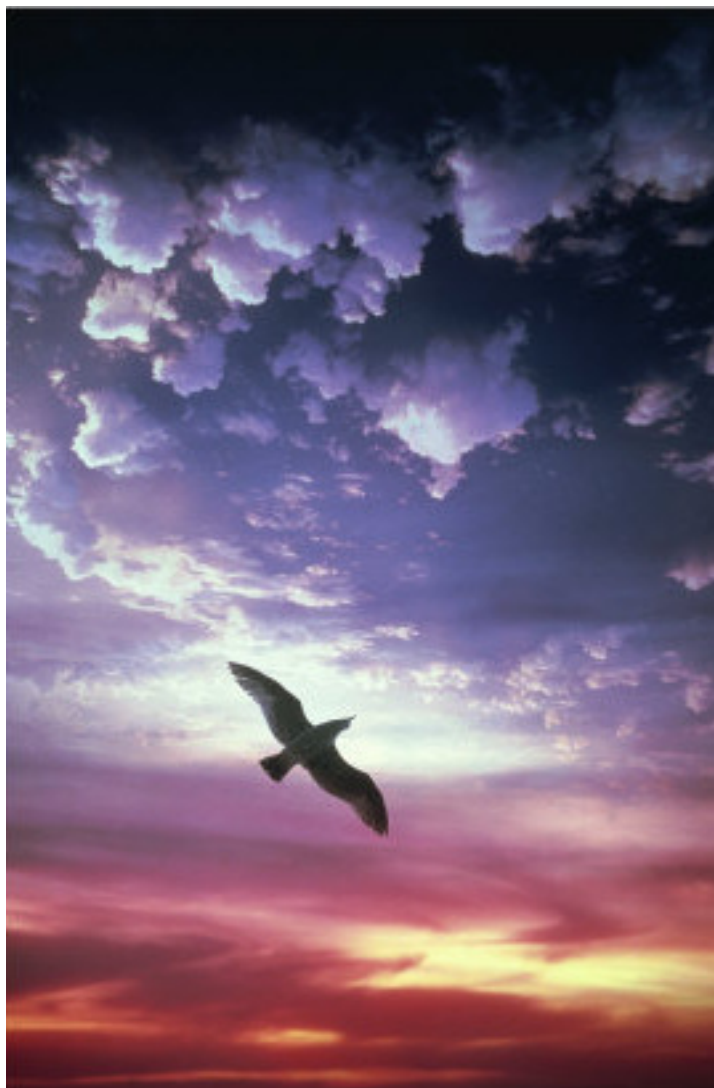


Módulo
Fernão Capelo Gaivota



“ – Estão dizendo no Bando que, se você não for o filho da Própria Grande Gaivota - disse Francisco a Fernão uma certa manhã, após o Treinamento de Velocidade Avançada -, então está mil anos à frente de seu tempo.

Fernão soltou um suspiro. O preço de ser mal interpretado, pensou. Chamam-nos de demônio ou de deus.

– O que é que você acha, Francisco? Estamos à frente de nosso tempo?

Seguiu-se um longo silêncio.

– Bem, esse tipo de vôo sempre existiu, à espera de ser aprendido por todos os que quisessem descobri-lo. Não tem nada a ver com tempo. Estamos á frente da moda, talvez. Á frente da maneira como voa a maioria das gaivotas.”

Projeto
Círculos de Leitura

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	3
<i>Parte 1</i>	4
<i>Parte 2</i>	11
<i>Parte 3</i>	23

Reflexões a partir do livro Fernão Capelo Gaivota, de Richard Bach, Editora Record

Introdução

Este livro trata do tema da liderança e mostra que não só de pão vive o homem. É a história de uma gaivota, Fernão Capelo Gaivota, que gostava muito de aprender e queria logo ensinar para todos o que aprendia. Esta forma de ser incomodava o Bando onde vivia. Fernão até tentou ser igual aos outros, mas não conseguiu. Por isto acabou sendo expulso. Mesmo sozinho, continuou praticando por muitos anos, até ser buscado por duas gaivotas brilhantes que o conduziram para um outro lugar onde havia outras gaivotas que pensavam como ele: “para elas a coisa mais importante da vida era abrir as asas e chegar à perfeição naquilo que mais gostavam de fazer”. Junto com elas Fernão aprendeu tanto que sentiu que podia voltar para o bando porque sabia que lá deveria haver ao menos uma gaivota esperando por ele. Sentia que se houvesse encontrado um parceiro enquanto vivia no bando, seu aprendizado teria sido muito mais rápido. Quando volta para o bando, Fernão consegue realizar seu sonho, pois nascera para ser um instrutor. Esta é a trajetória do herói, aquele que consegue sair do seu lugar de origem, aprender algo novo, e volta para ensinar o que aprendeu.

Esse módulo é produto das nossas reflexões nos grupos do Círculos de Leitura feitos com jovens da rede pública de ensino de São Paulo, São Jose dos Campos, Baixo Sul da Bahia, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Pernambuco. Sabemos que este livro despertará reflexões que talvez não tenham sido contempladas ainda aqui. Escreva para nós sobre suas idéias. Com elas poderemos fazer um segundo módulo.

Parte 1

Esta é a história de Fernão Capelo Gaivota: uma gaivota que era diferente. O livro começa com Fernão no céu, voando, experimentando, treinando. Não fazia sentido, para ele, voar só para pegar restos de comida, como fazia as outras gaivotas. Fernão até tentou satisfazer os seus pais e desistir de aprender coisas novas, mas não conseguiu. Ele adorava voar. O seu desejo de aprender falou mais forte, e, de novo, ele se viu mais uma vez só, treinando, experimentando:

“Gaivotas, como todo mundo sabe, jamais tropeçam no ar, jamais perdem altura. Para elas, perder altura no ar e cair é vergonha e desonra. Porém, Fernão Capelo Gaivota – sem sentir a menor vergonha – estendeu novamente as asas naquela trêmula e difícil curva, perdendo velocidade, perdendo, e caindo outra vez – não era uma ave igual às outras.”

“A maioria das gaivotas não se incomodam em aprender mais do que os rudimentos do voo – como ir da praia até a comida e voltar. No que interessa à maioria, o importante não é voar, mas comer. Para essa gaivota, porém, o que importava não era a comida, mas o vôo. Mais do que qualquer outra coisa, Fernão Capelo Gaivota adorava voar”. (p. 10).

As outras gaivotas tinham **medo de arriscar**, tentar aprender mais do que os rudimentos do vôo, porque para elas errar e cair seria vergonhoso. Fernão, por outro lado, cai muitas vezes, mas não se importa com isso. Ele é capaz de uma **feroz concentração**. Fernão quer **todas as dimensões do voo**, não só seus rudimentos. Ele sente **prazer em aprender**.

Fernão descobriu que pensar assim, *“não é a melhor maneira de tornar-se popular entre as outras aves”* (p. 11). Ele era um elemento solitário no bando, que treinava sempre *“sozinho e distante, muito além do barco e da praia”* (p.9). Ser assim não o tornava popular. Até mesmo seus pais não o compreendiam e viam a sua vontade de voar alto como uma obstinação sem sentido. Eles queriam que ele fosse como todos os outros que voavam somente para alimentar o corpo:

“Por que, Fernão, por quê? _ - perguntou a mãe – Por que é tão difícil ser igual ao resto do bando? (...) Por que você não come? Filho, você é só osso e penas!” (p. 11).

Há um momento em que Fernão tenta seguir o conselho dos pais e **ser igual aos outros**, mas não consegue. Isto se dá no momento em que o pai insiste que o inverno está chegando:

“- Escute aqui, Fernão – disse o pai, com bondade – O inverno não está longe. O número de botes de pesca vai diminuir e o peixe de superfície vai nadar no fundo. Se você tem que estudar, então estude comida e como obtê-la. Esse negócio de voar é muito bacana, mas você não pode comer um rasante, como sabe muito bem. Não se esqueça de que a razão por que você voa é comer.” (p.12).

Quando o pai fala isto, Fernão inclina a cabeça, obediente, e nos dias seguintes tenta se comportar como as demais gaivotas, *“piando e lutando com o bando em volta de piers e barcos de pesca, mergulhando para pegar migalhas de peixe e pão” (p.12)*. Depois de pegar a comida a abandonou, deixando-a para uma velha gaivota, com quem não queria competir. Mesmo se esforçando para agradar os pais não conseguiu fazer com que a coisa funcionasse. *“Há tanta coisa para aprender! Não demora muito e Fernão Gaivota estava mais uma vez sozinho, em alto-mar, faminto, feliz, aprendendo.” (p. 13).*

Depois, de volta ao treino, tentando superar os limites de velocidade, há um momento em que Fernão cai de muito alto e **quase desiste. Chega a querer afundar no mar**. Neste momento, começa a ouvir uma voz interior, a “voz cavernosa”, que quando decifrada irá lhe proporcionar a chave para um novo conhecimento, um novo aprendizado. Sentia-se mal porque **não satisfazia nem os pais (à tradição) e nem si mesmo. É justamente nesta situação-limite, em que ele pára que pode surgir uma voz cavernosa, que vem deste outro lugar.**

“Quando recuperou os sentidos, já era noite fechada e flutuava ao luar na superfície do mar. As asas eram barras laceradas de chumbo. O peso do fracasso, porém, era ainda maior em suas costas. Desejou, debilmente, que seu peso pudesse ser exatamente o necessário para puxá-lo devagar para o fundo e acabar com tudo aquilo.”

“Afundando cada vez mais na água, uma voz estranha e oca soou dentro de seu peito. Não há maneira de evitar isso. Eu sou uma gaivota. Sou limitado por minha natureza. Se fosse meu destino aprender tanto sobre voo, eu teria na cabeça uma carta de voo em vez de cérebro. Se fosse minha sina voar em alta velocidade, teria as asas curtas do falcão e viveria de ratos, em vez de peixes. Meu pai tem razão. Preciso esquecer essas tolices. Tenho que voar de volta para o Bando e sentir-me contente com o que sou, em ser uma pobre e limitada gaivota.”

“A voz desapareceu, e Fernão concordou com ela. Lugar de gaivota à noite é na praia. Deste momento em diante, jurou, seria uma gaivota normal. E essa decisão tornaria todos mais felizes.”

“Soltou-se cansadamente da água escura e voou para a terra, grato pelo que aprendera sobre voo em baixa altitude, que poupava esforço.”

“Mas, não, pensou, estou farto de ser o que sou, estou farto de tudo que aprendi. Sou uma gaivota igual às outras e vou voar como elas. E assim, penosamente, voou até uns 40 metros de altura e bateu as asas com mais força, dirigindo-se para a terra”. (p.16-17)

Ele **decide** não ter mais laços com a força que o levava a aprender e se sente melhor com a decisão. A voz, então, retorna, **no momento em que ele havia parado de pensar e entregava-se ao prazer do voo**. É neste momento que a voz cavernosa ressurgiu:

“E era bom simplesmente deixar de pensar e voar na escuridão para as luzes acima da praia. Noite! A voz cavernosa, disse áspera, alarmada. Gaivotas jamais voam à noite!” (p. 18).

Quando a voz diz “Noite! Gaivotas não voam à noite” (p. 18), ela fala que Fernão voava na escuridão e que ele estava fazendo uma coisa que as outras

gaivotas não faziam. Ela diz algo que não tinha sido ouvido antes por Fernão. Aqui já vimos que Fernão precisa de outra voz que lhe diga que era diferente, porque ele ainda não sabia disto. Naquele bando, ninguém nunca tinha sequer pensado em voar à noite, porque **o saber da noite está ligado ao saber do sonho**. O bando, preso à rotina, não poderia acessá-lo. O que diz a voz é **como o sonho que precisa ser interpretado**. A mensagem nas entrelinhas é: **“Você, Fernão, é uma gaivota e está voando à noite”**. Ao ouvi-la, Fernão pode se reconhecer como sendo uma gaivota diferente. Então Fernão *“pestanejou”* (p. 18) e percebeu a solução: as asas curtas do falcão.

As asas curtas do falcão **existem na natureza**. A voz cavernosa permite a **união da voz da cultura daquele lugar com a da natureza**. Desta união, vem a **solução**. Fernão estava integrado à natureza desde o início. **A inovação se dá a partir da união da cultura com a natureza**. Fazemos “cultura” quando conseguimos usar o saber da natureza para fazer aquilo que desejamos – desta união vem à solução. A natureza, ao mesmo tempo em que impõe certos limites, manifesta os caminhos possíveis para superá-los. Não podemos alterar as leis da natureza, mas podemos nos aliar a elas em busca de soluções, como fazem os grandes cientistas.

Quando Fernão volta à noite, sentia uma grande felicidade:

“Quando eles souberem disso, pensou, quando souberem do Grande sucesso, vão ficar doidos de orgulho. Quanta coisa mais há agora para viver! Em vez de nosso monótono voo de ida e volta até os barcos de pesca, há agora uma razão para viver! Podemos nos erguer de nossa ignorância, podemos nos considerar criaturas exímias, inteligentes, hábeis. Podemos ser livres! Podemos aprender a voar!” (p. 24).

Fernão ficou tão contente com seu aprendizado que quis compartilhá-lo com o bando, acreditando que todos o valorizariam. Pensou que se aquilo era bom para ele poderia ser bom para todos. No bando só era chamado ao centro quem fosse ser coberto de honrarias, ou coberto de vergonha:

“Não tenho desejo algum de ser líder. Quero apenas contar o que descobri, mostrar os horizontes abertos para todos nós. Deu um passo a frente.

- Fernão Capelo Gaivota – disse o Ancião – Ao Centro para ser coberto de Vergonha, à vista de todas as suas companheiras gaivotas.” (p. 25).

Fernão não desejava que seus feitos lhe trouxessem glória, ou que as outras gaivotas passassem a vê-lo como um líder. Ele desejava apenas passar o conhecimento que havia adquirido para as outras gaivotas. Mas podemos nos indagar se é possível passar o que descobrimos sem nos tornarmos de certa forma líderes. Podemos pensar que alguém só consegue passar um novo conhecimento quando é capaz de assumir a liderança. Mas Fernão ainda não estava pronto para assumir esta função. Para sua surpresa, Fernão foi expulso do bando. *“Eles não conseguem compreender! Eles estão enganados, estão enganados!” (p. 26).* Fernão ainda não percebera que eles não estavam **preparados para este novo aprendizado**. Tudo aquilo que é novo, assusta, incomoda, fere, como se houvesse um conflito interno com nossas crenças, convicções e certezas. Mas estava tão convicto do valor de sua descoberta que não tinha conflito interno, o que mostra sua capacidade de se assumir como alguém que sabe o valor do que aprendeu:

“Uma gaivota jamais responde ao Conselho, mas foi a voz de Fernão que se ergueu:

- Irresponsabilidade, meus irmãos? – exclamou – Quem é mais responsável do que uma gaivota que descobre e segue um significado, uma finalidade mais alta para a vida? Há milhares de anos, vivemos nos engalfinhando por cabeças de peixe, mas agora temos uma razão para viver... para aprender, para descobrir, para sermos livres! Dêem-me uma oportunidade, deixem que eu lhes mostre o que descobri...

Para todos os efeitos, o Bando parecia talhado em pedra.

- A Fraternidade terminou – entoaram juntas as gaivotas e, todas ao mesmo tempo, cerraram os ouvidos e lhes deram as costas.” (p. 26-27)

Apesar de ter sido expulso, Fernão **mantém o compromisso que tinha consigo mesmo e com o aprendizado**. Continua fazendo o que **gosta** de fazer e *“sua única mágoa não era a solidão, e sim que as outras gaivotas se recusassem a acreditar na glória do vôo que as esperava. Recusavam-se a abrir os olhos e enxergar”* (p. 27). Fernão sente-se acompanhado por sua vontade de aprender. Esta o recompensava a cada dia com novas descobertas, deixando-o muito feliz. Ele tem o céu à sua disposição para continuar desenvolvendo suas habilidades. Neste momento, a única coisa que o entristece é perceber que as outras gaivotas continuavam acomodadas na rotina do bando e não podiam usufruir o prazer do vôo, embora este prazer estivesse ao alcance de qualquer gaivota que se abrisse para ele.

Com **“o mesmo controle interior”** (p. 28), Fernão aprende que, com um mergulho aerodinâmico em alta velocidade, ele pode encontrar os peixes mais raros e saborosos que nadam na profundidade do oceano. Ele tinha a esperança de que todo o bando pudesse usufruir do aprendizado, mas, *“o que antes fora sua esperança para o Bando nesse momento desfrutava sozinho. Aprendeu a voar e não se arrependeu pelo preço pago.”* (p. 28). Fernão também descobriu que o tédio, o medo e a raiva são *“as razões pelas quais é tão curta a vida das gaivotas”* (p.28): o tédio em que elas viviam, o medo de enfrentar o novo e a raiva que elas tem de alguém que tenta fazer algo diferente. Fernão, longe dessas limitações, pôde viver uma longa vida – e comendo peixes saborosos, tirados das profundezas do mar.

Chega um dia em que duas gaivotas brilhantes vêm buscar Fernão: *“As duas gaivotas que apareceram ao lado de suas asas eram puras como a luz das estrelas e delas emanava, no ar noturno das grandes altitudes, um brilho suave e amigo.”* (p. 30) Apesar de perceber este brilho, Fernão submete as gaivotas a um **teste**:

“Sem pronunciar palavra, Fernão submeteu-as à prova, a uma prova pela qual nenhuma gaivota jamais passara. Torceu as asas, reduziu a velocidade a um único quilômetro acima do limite de sustentação. As duas aves radiantes acompanharam-no, suavemente, sincronicamente. Sabiam o que era o vôo lento.” (p.30).

Fernão submeteu as duas gaivotas ao teste de perícia de vôo porque sentiu que precisava confiar nelas com base no que elas sabiam e faziam. Quando percebeu que as gaivotas sabiam voar como ele, sentiu que podia confiar nelas. Percebeu que, assim como ele, elas também viam no vôo muito mais do que uma ferramenta para pegar migalhas de pão. Assim como ele, elas voavam por amor ao vôo, ao conhecimento, pelo prazer em aprender.

“- Muito bem – disse – Quem são vocês?”

- Nós somos seu bando, Fernão. Somos suas irmãs. – As palavras foram pronunciadas em voz forte e tranqüila. – Viemos levá-lo para mais alto, para levá-lo para casa.

- Não tenho casa. Nem bando. Sou um pária. E nós voamos agora no pico do Grande Vento da Montanha. Além de algumas centenas de metros, não posso levar mais alto este velho corpo.

- Mas você pode, Fernão. Porque você aprendeu. Um estudo terminou e chegou a hora de começar outro.

Como havia luzido para ele durante toda a vida, a compreensão iluminou-o naquele momento. Tinham razão. Ele podia voar mais alto e era tempo de voltar para casa. Lançou um último olhar para o outro lado do céu, para a magnífica terra prateada onde tanto aprendera.

- Estou pronto - disse, finalmente.” (p. 31)

A compreensão iluminou Fernão quando percebeu que este era o momento em que precisava segui-las. Ao fazê-lo, **pôde se juntar às gaivotas que tinham afinidades com ele.**

O aprendizado que termina agora para Fernão é o solitário. O que começa é **um aprendizado que só acontece junto com outros.** É este novo estágio que vai permitir que ele volte mais tarde para ensinar. As gaivotas dizem que vão levá-lo para casa: a casa é símbolo do espaço de encontro, do coletivo, da morada da alma. Fernão logo **se identifica com esta** nova casa, que não é a dos pais, da qual havia sido expulso. As gaivotas brilhantes são como um **professor que vem buscar os alunos** para multiplicar os conhecimentos que adquiriu.

Parte 2

A coisa mais importante na vida é chegar à perfeição naquilo que mais gostam de fazer

Quando chegou à sua nova casa, Fernão aprendeu que é sempre necessário **injetar energia para um novo aprendizado. O seu corpo passara por uma mudança** após o encontro com as gaivotas brilhantes. Embora tivesse pensado que não precisava se esforçar descobriu que precisava:

“As penas brilhavam brancas como a neve, as asas eram lisas e perfeitas como folhas de prata polida. Começou deliciado a aprender coisas sobre elas, a injetar força nas novas asas (...) Havia um limite para o que o corpo novo podia fazer, e embora fosse muito mais rápido do que seu velho recorde de vôo em plano horizontal, ainda era um limite que exigiria um grande esforço para quebrar. No céu, pensou não deveria haver limites.” (p. 36).

Mesmo no céu o esforço para aprender é necessário, pois ali há também limites, que exigem de Fernão muita energia e concentração. Fernão descobre que neste novo lugar há tanta coisa para aprender quanto no que deixara para trás. A única diferença era que ali havia outros que pensavam como ele: **que a coisa mais importante na vida é chegar à perfeição naquilo que mais gostam de fazer**. Só mais tarde, em um outro estágio de seu percurso (p. 41-42), Fernão compreenderá o real significado do céu.

“Novas vistas, novos pensamentos, novas perguntas. Por que tão poucas gaivotas? O céu devia estar cheio de gaivotas! E por que fiquei tão cansado, assim tão de repente? Ninguém espera que, no céu, gaivotas se cansem ou que durmam.” (p.37).

A memória do que viveu na Terra vai desaparecendo depois que Fernão chega ao Céu:

“Onde fora que ouvira isso? A memória da vida na Terra estava sumindo rápido. A Terra fora um lugar onde muito aprendera claro, mas os detalhes estavam ficando indistintos – alguma coisa sobre lutar por comida e em ser um Pária.” (p.37)

Fernão se esquece de sua vida junto ao Bando do Café da Manhã. O que está descrito aqui faz parte da teoria do aprendizado: um conhecimento novo desorganiza, provoca essa sensação de “esquecimento”, “dá um branco” para abrir espaço para um novo conhecimento. Na verdade Fernão não esquece, mas deixa adormecido aquilo que aprendeu. É justamente isto que possibilita um novo aprendizado.

“A dezena de gaivotas perto da praia veio recebê-lo, sem pronunciar palavra. Ele sentiu apenas que era bem-vindo e que este era o seu lar.” (p. 37)

Ao mesmo tempo, Fernão só pode esquecer porque **se sente bem-vindo**. O céu é o seu lugar de pertencimento, adequado à fase de aprendizado em que ele se encontra. Ali, sabe que está entre iguais, cercado por companheiros que foram buscá-lo porque o compreendem e compartilham de seu desejo de aprender.

O céu é um estado de espírito onde você se sente fazendo parte do todo.

O lugar de pertencimento é aquele lugar onde **você se sente acolhido para aprender**. A coisa mais importante na vida é **aprender junto com os outros e buscar a perfeição**, para depois poder ostentá-la a fim de que o outro possa se **encantar e aprender com a beleza**. Fazer bem-feito é condição para este encantamento, e só fazemos as coisas de forma bem-feita quando sentimos prazer ao fazer. No seu novo lar, Fernão pode sentir muito prazer naquilo que faz, pois não tem dúvidas de que está fazendo o que mais gosta de fazer.

Fernão se surpreende com o fato de existirem tão poucas gaivotas no céu:

“Onde está todo mundo, Sullivan? - perguntou, inteiramente à vontade com a telepatia fácil que as gaivotas usavam, em vez de pios e grasnar.

– Por que não há mais de nós aqui? Ora, no lugar de onde vim havia...

– ...milhares e milhares de gaivotas, eu sei.- Sullivan sacudiu a cabeça.

– A única resposta que posso dar, Fernão, é que você é uma ave em um milhão. A maioria de nós chegou aqui muito devagar. Passamos de um mundo a outro, que era quase exatamente igual ao anterior, esquecendo imediatamente de onde tínhamos vindo, sem nos importar para onde estávamos indo, vivendo o momento. Você tem idéia de quantas vidas tivemos que viver antes de nos ocorrer a primeira idéia de que há mais na vida do que comer, brigar ou ter poder no Bando? Mil vidas, Fernão, dez mil! E, depois, mais cem vidas até que começamos a aprender que há uma coisa como perfeição, e mais outros cem anos antes de nos ocorrer a idéia de que nossa finalidade em viver é encontrar e ostentar essa perfeição. A mesma regra se aplica agora a nós, claro: escolhemos nosso próximo mundo através do que aprendemos neste aqui. Nada aprenda e o próximo mundo será o mesmo que este, com todas as mesmas limitações e pesos de chumbo para superar.

Estendeu as asas e virou-se para o vento.

– Você, no entanto, Fernão – continuou –, aprendeu tanto de uma única vez que não teve que passar por mil vidas para chegar a esta.” (p. 39-40.)

No céu não há pios e grasnar, mas sim **outra linguagem: a da sintonia em aprender juntos**. As **mil vidas são os diversos mundos que vivemos** ao longo de nosso processo de aprendizado. Alcançamos estas outras vidas através do fazer, e é isto que é chamado de **conhecimento**. As mil vidas são uma metáfora para os diversos **estágios da vida**. Se não aprendemos nada em um deles, não nos desenvolvemos, não chegamos à próxima vida – ao novo estágio. O aprendizado se dá durante um **percurso longo, com muitos tipos de experiências**. A forma de viver de Fernão agora é diferente da outra, quando estava no bando, pois o bando estava acomodado e preso à rotina. É

por não aprender nada no estágio em que se encontrava que as gaivotas do bando carregavam sempre o mesmo fardo e nunca passavam para um próximo estágio. Elas tinham uma vida curta por causa do tédio, do medo e da raiva, e esta vida era uma vida **sem sentido**. A vida delas era sempre igual e ao mesmo tempo elas não se davam conta de que poderia ser diferente.

Depois de muito aprender, Fernão está novamente preparado para um novo estágio. Ele agora tem alguém, um mestre, para quem ele pode fazer perguntas. Para quem ele pode mostrar o que não sabe. Fernão se coloca como discípulo e seu professor, o ancião Chiang, reconhece que Fernão sabe, porque as respostas estão já contidas em suas perguntas:

“– Chiang, este mundo não é o céu, é?

O Ancião sorriu à luz da lua.

– Você está aprendendo novamente, Fernão Gaivota – respondeu.

– O que é que acontece a partir daqui? Para onde vamos nós? Não há esse tal lugar chamado céu?

– Não, Fernão, não há esse tal lugar. O céu não é um lugar e também não é um tempo. O céu é um ser perfeito. – Ficou calado durante um momento. – Você é um voador muito rápido, não?

– Eu... Eu gosto da velocidade – disse Fernão, surpreso mas orgulhoso porque o Ancião notara esse fato.

– Você começará a tocar o céu, Fernão, no momento em que tocar a velocidade perfeita. E isso não significa voar a mil quilômetros por hora, ou um milhão, ou à velocidade da luz. Isso porque todo número é um limite e a perfeição não tem limites. A velocidade perfeita, meu filho, é estar lá.

Sem aviso, Chiang sumiu e reapareceu à beira d'água a 15 metros de distância, tudo isso numa fração de segundo. E logo voltou a sumir e apareceu, no mesmo milésimo de segundo, ao lado de Fernão.

– Isto é divertido – disse.” (p. 41-42)

Conversando com Chiang, Fernão percebe que o céu **não é um lugar** e que **a velocidade perfeita não se mede**. O vôo perfeito não é o mais veloz ou aquele com as melhores acrobacias. Para o pensamento não há barreiras de

tempo ou distância. Através do pensamento você se comunica com aquela pessoa que está muito longe, ela se faz presente. Agora Fernão está preparado para compreender que o céu é **um estado de espírito onde você se sente fazendo parte do todo**. Como vimos na página 7, **“a coisa mais importante da vida é chegar à perfeição naquilo que mais se gosta de fazer”**. O céu não depende de um lugar nem de um tempo, é um lugar onde você está fazendo o que gosta de fazer e faz bem-feito. **Quando você faz algo com prazer, integra o corpo e o espírito, e sente todo o universo conspirando a seu favor. Este sentimento é o céu.**

Fernão ficou tão fascinado, *que “esqueceu as perguntas sobre o céu.”* (p. 44). Fernão **esqueceu as perguntas** por que a resposta é justamente a fascinação, que pode ser entendida como um **movimento que integra o corpo, a alma e a mente**. Quem pergunta é só a mente, a razão. Neste estado de fascinação não há necessidade de perguntas, porque o coração sente.

“– Como é que você faz isso? O que é que a gente sente? Até onde você pode ir?”

– Você pode ir a qualquer lugar e a qualquer tempo que desejar – respondeu o Ancião. – Fui a todos os lugares e a todas as épocas em que pude pensar.” (p. 44)

Imaginar é um estado da alma. O pensamento nos transporta, vamos fazendo o que é preciso fazer para chegarmos naquilo que já tínhamos imaginado. Para realizar algo, antes precisamos imaginá-lo.

A definição do que é o céu é deixada em **aberto**, como se nos fosse dito:

“não pense só, sinta e faça”. O sentir nos faz fazer:

“- O céu é...”

– Você poderia me ensinar a voar assim?

Só em pensar em conquistar outro desconhecido, Fernão tremia todo.

– Claro, se você desejar aprender.

– Desejo. Quando é que podemos começar?

– Agora mesmo, se quiser.

– *Eu quero aprender a voar daquele jeito – disse Fernão, uma estranha luz brilhando-lhe nos olhos. – Diga o que é que tenho que fazer.*

Chiang falou devagar, observando com grande atenção a gaivota mais jovem.

– *Para voar tão rápido como o pensamento, para ir a todos os lugares que existem – respondeu –, você tem que começar sabendo que já chegou lá...*

O macete, de acordo com Chiang, consistia em Fernão deixar de considerar-se preso dentro de um corpo limitado, com um metro e dez centímetros de envergadura de asa e um desempenho que poderia ser marcado em uma carta de navegação. O macete era saber que sua verdadeira natureza vivia, tão perfeita como um número não escrito, em toda parte e ao mesmo tempo no espaço e no tempo.” (p. 44-45)

Fernão **escolhe seu herói**, Chiang, pois tem o desejo de conhecer e sabe identificar aqueles que sabem mais e têm algo a oferecer. Estar no céu é **saber que você é uma potência ilimitada** e que depende de você se esforçar e escolher os parceiros que podem ajudar no aprendizado para continuar aprendendo e passando de um aprendizado para outro.

“Ora, isso é verdade! Eu sou uma gaivota perfeita, sem limites!

E sentiu um grande choque de alegria.

– *Ótimo! – exclamou Chiang, e havia um tom de vitória em sua voz.*

Fernão abriu os olhos. Estava sozinho em companhia do Ancião em uma praia inteiramente diferente... árvores descendo até a beira d’água, sóis amarelos gêmeos girando no alto.

– *Finalmente, você pegou a idéia (...).” (p. 46)*

Para conseguir transitar entre estes diferentes tempos e experimentar o vôo do pensamento, Fernão precisa reconhecer a **potência do seu ser**. Quando percebe o que realmente é, percebe que não tem limites:

“Fernão soltou um grito de deleite, o primeiro som que emitia desde que deixara a Terra.

– A COISA FUNCIONA!

– Ora, claro que funciona, Fernão – retrucou Chiang. – Funciona sempre, quando você sabe o que está fazendo.” (p.47)

Ele só pode experimentar o vôo do pensamento porque aprendeu fazendo:

“Podemos começar com o tempo, se você quiser – lembrou Chiang –, até que você possa voar para o passado e o futuro. Nessa ocasião, você estará pronto para iniciar o vôo mais difícil, mais poderoso, mais divertido de todos. Estará pronto para começar a voar para o alto e aprender o significado da bondade e do amor.” (p. 48)

A conquista mais difícil é também o aprendizado mais **divertido**. Chiang está falando do amor – o amor ao conhecimento. O conhecimento é um mistério, uma potência que sentimos e que não quer ficar só dentro de nós. Quando aprendemos somos profundamente tocados por este mistério. Este sentimento, este mistério que é o conhecimento, amadurece dentro de nós e nos move a buscar alguém com quem possamos compartilhá-lo. Ensinar a uma gaivota que ela também pode voar é o objetivo de Fernão, que ele no final vai conseguir realizar:

“Mas chegou um dia em que Chiang desapareceu. Estivera conversando tranquilamente com todos eles, exortando-os a nunca deixar de aprender, de treinar e de esforçar-se para compreender mais o princípio invisível perfeito de toda vida. Mas, enquanto falava, suas penas se tornaram mais brilhantes, cada vez mais brilhantes e, finalmente, tão brilhantes que nenhuma gaivota pôde mais olhar para ele.

– Fernão – disse, e estas foram as últimas palavras que pronunciou –, continue a trabalhar no amor.

Quando puderam enxergar novamente, Chiang havia desaparecido.” (p.48-49)

Uma das funções do professor é **ir embora depois de ter ensinado**. O mestre tem que ir embora porque sabe que já fecundou seu discípulo. Ao ir embora, o mestre mostra ao aluno que confia na sua capacidade de continuar a carregar a tocha, a luz do conhecimento para outras pessoas. Esta transmissão da luz do conhecimento é o que transforma a humanidade como um todo. Fernão poderá **cativar as gaivotas e multiplicar o número de pessoas que podem chegar a este lugar de infinito aprendizado**, pois o “princípio invisível perfeito de toda vida” é o **amor**, este algo invisível que rege todas as coisas. Sempre aprender fazendo juntos é uma conquista, um novo estágio.

“Com o passar dos dias, Fernão descobriu que pensava cada vez mais na Terra de onde viera. Se lá tivesse sabido apenas um décimo, um centésimo do que sabia aqui, o quanto mais a vida teria significado! Ali, de pé na areia, começou a pensar se lá havia uma gaivota que poderia estar lutando para libertar-se de seus limites, para ver o significado do vôo além de uma maneira de viajar e de pegar um pedaço de pão atirado de um barco. Talvez pudesse ter havido uma que se tornou um Pária por ter dito a verdade diante do Bando. E quanto mais praticava as lições de bondade, e mais trabalhava para compreender a natureza do amor, mais queria voltar à Terra.” (p. 49)

Fernão sempre quis **ensinar às outras gaivotas** aquilo que aprendera. Ele nasceu para tornar-se um instrutor, era seu dom e seu desejo. Mas só agora vai conseguir realizar este sonho, só depois de ter tido um professor:

“Isto porque, a despeito do passado solitário, Fernão Gaivota nascera para tornar-se um instrutor, e sua maneira de demonstrar amor era doar um pouco da verdade que conhecera a uma gaivota que pedia apenas a oportunidade de vê-la por si mesma.” (p. 49-50).

Fernão decide voltar e ensinar outras gaivotas porque reconhece que isso é **bom para ele e para os outros**. Depois de aprender tanto, percebe que **não pode ensinar a todos**. Antes, queria mostrar a todos o que conseguira

fazer, e inclusive disse isto ao bando quando foi expulso. Agora, percebe que o mais importante é **ostentar a beleza do vôo para todas as gaivotas, a fim de que a beleza desperte a vontade de aprender em algumas delas**. Assim, um outro tipo de aprendizado pode começar, quando um vínculo entre aluno e mestre acontece. Fernão quer ensinar para alguém que **queira aprender**, pois para ele é a única maneira de ensinar.

“O velho sentimento, porém, insistia em voltar e não podia deixar de pensar que, talvez, houvesse lá na Terra uma ou duas gaivotas que poderiam também aprender. O quanto mais ele saberia, se Chiang lhe tivesse aparecido no dia em que foi condenado a ser um Pária!” (p. 51).

Fernão havia se esquecido do bando de que fora expulso, mas agora sente que precisa revisitar seu passado. Ao fazê-lo, percebe como teria sido bom **encontrar antes um professor**. Neste momento consegue realizar sua própria missão de ser um professor, pois sempre teve **vontade de ensinar**. Ele também se lembra de como havia sido difícil para ele aprender sozinho por tanto tempo. Vemos aqui, também, que **Fernão é um líder**: seus companheiros tentam dissuadi-lo de voltar, mas ele sabe o que é necessário fazer e decide voltar. Quando volta, **mostra o poder de transitar entre os tempos, de reconhecer-se nas gaivotas do bando, de ver a gaivota autêntica que está esperando para desenvolver o que ainda está em potência**. Sullivan tenta convencer Fernão a ficar no céu para ensinar às gaivotas que já queriam aprender, aquelas que já haviam sido iniciadas. Mas Fernão quer ser um iniciador, despertar a vontade de aprender em gaivotas. Ensinar aqueles que ainda não despertaram, aqueles que ainda estão presos a uma tradição e têm medo de ser expulsos, é muito mais difícil que ensinar aqueles que querem aprender. **Para ensinar aqueles que ainda não despertaram é preciso já se ter constituído um grupo, para ostentar juntos a beleza do conhecimento. Fernão sabe que não pode voltar sozinho**. Ele sabe que precisa primeiro ostentar a beleza do vôo em grupo, sabendo que a beleza vai encantar. É este encantamento que despertará através da beleza de um vôo com sincronidade e perfeição, a vontade de aprender.

Quando Fernão conta para Sullivan que quer voltar para ensinar, seu amigo não gosta da idéia da separação. Mas Fernão responde:

“– Sully, que vergonha! – disse Fernão, em tom de repreensão. – E não seja tolo! O que é que estamos tentando praticar todos os dias? Se nossa amizade depender de coisas como espaço e tempo, então, quando finalmente dominarmos os dois, teremos destruído nossa fraternidade! Mas, supere o espaço e tudo o que nos sobra é o Aqui. Supere o tempo, e tudo que nos resta é o Agora. E entre o Aqui e o Agora, você não acha que a gente pode se ver de vez em quando?” (p. 51-52)

Aqui é mostrado como a amizade não depende do espaço ou do tempo. Como Fernão já aprendeu com Chiang, ele sabe que o pensamento não tem limite de espaço ou tempo.

O ressentimento estanca o aprendizado.

Fernão parte e encontra Francisco, que se tornará seu aluno, também um Pária, expulso do bando:

*“Não me importo com o que eles dizem – pensou furioso, e sua visão escureceu enquanto voava para os Penhascos do Fim do Mundo. – Há tanta coisa mais no vôo do que simplesmente bater asas de um lugar para outro! Um... um... mosquito faz isso! Apenas um único tonneau em volta da Gaivota Anciã, apenas para me divertir, e sou um Pária! Será que eles estão cegos? Não conseguem enxergar nada? Será que não pensam na glória, quando aprendemos realmente a voar?
– Não me importo com o que pensem. Vou mostrar a eles o que é voar! Vou ser um puro Pária, se é assim que eles querem que eu seja. E vou fazer com que se arrependam...” (p. 53)*

Francisco está **ressentido**. Há pessoas que ficam ressentidas porque **aproveitam mal o aprendizado**, permitindo que o ressentimento ocupe o lugar do bem-estar e de um novo aprendizado. Isso se dá com Francisco, que, neste primeiro momento, pensa em continuar aprendendo **só pela necessidade de se vingar**. Ele queria aprender para mostrar que era superior, ou seja, fazia aquilo não mais por si próprio, mas por aqueles que o rejeitaram. Ele diz que não se importa com o que os outros dizem, mas na verdade se importa – tanto que quer fazer “com que se arrependam”... Assim, **fica fixado num estágio do aprendizado**, e não pode perceber o **amor como conhecimento, o amor em aprender**, que é condição para reais e novos aprendizados. O ressentido não pode viver no presente porque ele sente no presente aquilo que viveu no passado. Aí não tem novo aprendizado, não há espaço para o novo. Ele está tomado por aquilo que já passou – a mágoa, a rejeição - que ele sente como se não tivesse passado, por não ser capaz de digerir e entender o que havia acontecido. Ele fica refém do passado e deixa de viver o tempo presente:

“Não seja duro com eles, Francisco Gaivota. Ao expulsá-lo, as outras gaivotas apenas fizeram mal a si mesmas e, um dia, elas reconhecerão isso e um dia verão o que você vê. Perdoe-lhes e ajude-as a compreender.” (p. 53).

Fernão mostra a Francisco que o mal que a pessoa deseja para o outro faz mal a ela mesma. Ele também mostra a necessidade de perdoar as pessoas. Mas só pode chegar ao perdão quem está bem consigo mesmo. Francisco vai precisar superar o ressentimento, para se sentir bem e poder continuar aprendendo. Ele precisa da ajuda de Fernão para entender e com este entendimento pode continuar o processo de aprendizado que tinha ficado parado.

“– Francisco Coutinho Gaivota, você quer voar tanto que esquecerá o Bando, aprenderá, e voltará um dia e trabalhará para ajudá-los a saber? Não havia como mentir àquele ser magnífico e hábil, por mais que Francisco Gaivota fosse uma ave orgulhosa e se sentisse magoada. – Quero – respondeu baixinho.” (p. 54.)

Quando realmente se aprende algo intensamente, parece como se fosse uma lei natural sentir vontade de passar o que se aprendeu, como se o conhecimento despertado dentro de você se mantivesse vivo quando ele segue o caminho em direção a outras pessoas. Só assim o conhecimento se mantém vivo. **Este movimento não vem de você, mas sim do próprio conhecimento. O conhecimento tem uma vontade própria, um movimento próprio que vai te encaminhando, te conduzindo, é esta lei que te conduz.** Você o segue porque ele lhe guia, lhe liberta, conduzindo-lhe para além de você mesmo, pois você percebe que este conhecimento que está dentro de você está também em todas as coisas.

Parte 3

“– Você está perdendo seu tempo comigo, Fernão! Eu sou burro demais! Sou estúpido demais! Tento, tento, mas não vou conseguir nunca!

Fernão Gaivota olhou para ele ali embaixo e inclinou a cabeça.

Você não vai mesmo conseguir, enquanto procurar sair com força demais da picada. Francisco, você perdeu 65 quilômetros por hora na reentrada! Você tem que fazer isso com suavidade! Firme, mas suave, lembra-se?

Baixou para o nível da gaivota mais jovem.

– Vamos tentar juntos agora, em formação. E preste atenção à saída da picada. É uma reentrada suave, fácil.” (p. 58)

Às vezes fazemos algo de um jeito que não dá certo e precisamos que **alguém nos mostre o que estamos fazendo errado**. Fernão é esta pessoa para Francisco, disposto a **descer ao nível do aprendiz e fazer junto com ele**.

“– Todos nós somos, na verdade, uma idéia da Grande gaivota, uma idéia ilimitada de liberdade – dizia Fernão à noite na praia –, e vôo de precisão é um passo para expressar nossa verdadeira natureza. Tudo que nos limita tem que ser afastado. É esse o motivo de todo esse treinamento em alta velocidade, em baixa, das acrobacias...” (p. 59)

Esta passagem nos faz lembrar da peça *Antígona* de Sófocles, quando se diz que nós seres humanos somos maravilhosos, podemos realizar muitas coisas – mas somente quando conseguimos nos harmonizar com as forças, as potências que estão no mundo desde sempre.

“... E os estudantes estariam dormindo, exaustos dos vôos do dia. Eles gostavam do treinamento, porque era rápido e emocionante e saciava uma fome de aprender que crescia a cada lição. Mas nenhum deles, nem mesmo Francisco Coutinho Gaivota, viera a acreditar que o vôo de

idéias poderia ser possivelmente tão real quanto o vôo do vento e das penas.” (p. 59)

Aqui vemos a necessidade de se ter confiança no mestre, no líder. Neste estágio de aprendizado, é o mais importante.

Fernão surpreende os estudantes quando diz que chegou a hora de voltar ao bando:

“– Nós não estamos prontos – protestou João Calvino Gaivota. – Não seremos bem vindos! Nós somos Párias! Não podemos nos obrigar a ir a um lugar onde não seremos bem recebidos, podemos?

– Temos liberdade para ir aonde quisermos e ser o que somos – respondeu Fernão.

Levantou vôo da areia e tomou a direção leste, para as terras natais do Bando.

Houve um momento de angústia entre os estudantes, porque a Lei do Bando é que um Pária jamais poderá voltar, lei esta que não foi infringida em dez mil anos. A lei dizia: fiquem onde estão. Fernão dizia para ir e, por esse tempo, estava a um quilômetro e meio de distância sobre as águas. Se esperassem demais, ele chegaria sozinho a um Bando hostil.

– Bem, nós não temos que cumprir a lei se não somos parte do Bando, temos? – disse Francisco, muito constrangido. – Além do mais, se houver briga, ajudaremos muito mais do que se ficarmos aqui.” (p. 60-61)

Aqui, Fernão está sendo um **líder**. Ele percebe a importância de ir e os outros vão com ele porque confiam na sua liderança. Ele é capaz de **se pôr a caminho** e sabe que isto é condição para que as coisas se dêem da melhor maneira possível. Ele não é um líder preso ao código, à Lei do Bando: pelo contrário, **faz o que precisa ser feito**. Os outros cooperam com Fernão quando sentem que este está decidido, que vai de qualquer jeito, pois é movido por algo muito forte. A cooperação vem quando percebem a segurança do seu líder:

“E assim, naquela manhã, voaram procedentes do oeste, oito deles, em formação de duplo losango, pontas de asas quase se tocando. Chegaram à Praia do Conselho do Bando numa velocidade de 215 quilômetros por hora, Fernão à frente, Francisco voando tranqüilamente à sua direita, João Calvino manquejando como podia à esquerda. Em seguida, toda a formação guinou lentamente para a direita, como se fosse uma ave só... na horizontal... passando... para vôo invertido... para... o nível plano, o vento fustigando-os.” (p. 61)

Aqui podemos perceber a formação do grupo: **o líder vai à frente e o grupo o acompanha, funcionando como um corpo só. É um saber coletivo que traz o saber individual de cada um.**

“A compreensão do que estava acontecendo atravessou o Bando como se fosse um raio. Aqueles pássaros eram Párias! E eles voltaram! E isso... isso não pode acontecer! Os prognósticos de Francisco sobre uma briga desfizeram-se na confusão.
– Bem, certo, O.K., eles são Párias – disse uma das gaivotas mais jovens –, mas, heii, caras, como foi que eles aprenderam a voar desse jeito?” (p. 62).

Ostentar a perfeição é necessário porque **a fascinação é causada pela perfeição**. A fascinação num primeiro momento é condição para que os outros queiram aprender.

“Daí em diante, costas de penas cinzentas voltaram-se para Fernão, que, aparentemente, nem notou. Continuou com as aulas diretamente por cima da Praia do Conselho e, pela primeira vez, começou a ‘puxar’ pelos alunos, pressionando-os a ir até o limite de sua capacidade.” (p. 63)

Os alunos são diferentes entre si, mas **o limite de cada um é a sua perfeição**. Fernão não se importou com a rejeição dos demais do bando

porque ele já tinha aprendido que no céu não havia muitos, que o aprender se dá aos poucos, de um a um.

“Francisco Gaivota, que amava acrobacias mais do que qualquer outro, dominou a rolagem vertical lenta em 16 pontos e, no dia seguinte, ultrapassou a marca com um leque triplo, as penas relampejando luz branca na direção da praia, da qual mais de um olho furtivo o observava.” (p. 65)

Apesar da rejeição inicial, as aulas de Fernão já chamam a atenção – como havia previsto. Se não soubesse disto, não teria decidido voltar fazendo um espetáculo, como uma Grande Gaivota, demonstrando o aprendizado em grupo. As outras gaivotas começam a olhar, e algumas já se encantam com o que vêem. Aqui temos uma definição do que faz um bom líder:

“Em todas as horas, Fernão estava ali, ao lado dos alunos, demonstrando, sugerindo, pressionando, orientando. Voou com eles através da noite, da nuvem e da tempestade, pelo puro prazer de voar, enquanto o Bando, infeliz, agachava-se junto no chão.” (p. 65).

“Terminados os vôos, os alunos relaxavam na areia e, com o passar do tempo, escutaram Fernão com mais atenção. Ele tinha umas idéias malucas que não podiam compreender, mas também algumas boas, que compreendiam muito bem.” (p. 65).

Fernão, como professor, sabe promover o estabelecimento da **desconhecida grandeza**: aquilo que os alunos não compreendem a princípio fica guardado dentro deles para tomar forma depois. Eles confiam no líder e esta confiança os permite ir entendendo com o tempo. Num primeiro momento, é o coração que entende. O entendimento pela razão só vem depois. Como estão encantados, os alunos **confiam, continuam treinando e assim aprendendo**. O encantamento, junto com o exercício, vai os conduzindo, produzindo com o tempo este entendimento, este conhecimento.

“E ele falou de coisas muito simples – que é certo para uma gaivota voar, que liberdade é a própria natureza de seu ser, que tudo que dificulte essa liberdade deve ser afastado para um lado, seja ritual, superstição ou limitação sob qualquer forma.

– Afastado para o lado – disse uma voz na multidão –, mesmo que seja a Lei do Bando?

– A única verdadeira lei é a que leva à liberdade – respondeu Fernão. – Não há outra.” (p. 67)

Nós somos livres quando compreendemos as leis e os códigos do mundo. A liberdade seria descobrir as leis das coisas para que possamos aprender. Por exemplo, vimos como Fernão precisou seguir a lei da aerodinâmica, a lei da natureza, encurtando suas asas como se fossem as de um falcão, para conseguir alcançar a velocidade que desejava. Precisou seguir uma lei para conseguir atingir seus objetivos. Um outro exemplo é quando Fernão explica para Francisco que ele precisa fazer uma certa manobra firme, mas de forma suave, para não cair nem perder velocidade. Francisco precisa seguir esta “lei” para que consiga aprender (p. 58). Quando aprendemos, nos damos conta que cada coisa no mundo tem um saber próprio, e que nos tornamos livres quando entramos em relação com este saber das coisas, do mundo.

“Como é que você espera que a gente voe como você? – perguntou outra voz. – Você é especial, talentoso, divino, acima das outras aves.

– Olhem para Francisco! Teseu! Rolando! Judy Lee! Eles são também especiais, talentosos, divinos? Não mais do que vocês, não mais do que eu. A única diferença, a única mesmo, é que eles começaram a compreender o que realmente são e a praticar isso.” (p. 68)

Se Fernão tivesse voltado sozinho para o bando, teria sido tomado como um Deus e não teria feito diferença. Seu esforço não teria frutificado. Voltando com as outras gaivotas, que também compartilham do mesmo desejo de aprender, **Fernão mostra que quando compreendemos nossa própria**

natureza podemos desenvolvê-la praticando. Ele também nos mostra a força do grupo – há coisas que só se faz em grupo.

A multidão curiosa em ver Fernão e seus companheiros *“aumentava todos os dias e vinha questionar, idolatrar, escarnecer.”* (p. 68) Esta multidão já não é mais o mesmo bando que vivia sob uma única Lei. **Aquele bando já não é mais tão homogêneo; surgem pessoas com diferentes disposições; uns questionam, outros idolatram, e outros ridicularizam.**

“Fernão soltou um suspiro. O preço de ser mal-interpretado, pensou. Chamam-nos de demônio ou de deus.

– O que é que você acha, Francisco? Estamos à frente de nosso tempo? Seguiu-se um longo silêncio.

– Bem, esse tipo de vôo sempre existiu, à espera de ser aprendido por todos os que quisessem descobri-lo. Não tem nada a ver com tempo. Estamos á frente da moda, talvez. À frente da maneira como voa a maioria das gaivotas.” (p. 68-69)

Aqui temos a essência do **método dos Círculos de Leitura, que está em Platão: o vôo que sempre existiu**, assim como o saber, não tem tempo; está à espera de ser despertado. Depois de nos esforçarmos e de contarmos com a ajuda do mestre ou do intermediário, poderemos voar. Cada pessoa tem o saber dentro de si, em potência. Este saber sempre existiu mas está a espera de ser despertado. A única diferença é que algumas pessoas conseguem captá-lo, decifrá-lo, e têm prazer em cada vez mais desenvolver o conhecimento e se desenvolver com ele.

Por sentir amor ao conhecimento, uma pessoa se torna capaz de se esforçar, contemplar, perceber, se encantar com as coisas do mundo. As pessoas que não tiveram este amor pelo conhecimento desperto, olham como se fosse um ser divino. Na verdade, não é divina, é o conhecimento que é divino. Platão diz que quando eu amo tenho um deus dentro de mim. Este deus é o conhecimento. Ele está no âmago de todas as coisas. Este saber sempre existiu, mas os heróis e pensadores o aprimoraram e elevaram, oferecendo suas experiências para que toda humanidade possa usufruir delas, transformando-as em ação. O saber se aprimora no fazer, à medida que

transformamos o conhecimento em ação. Foi isto que Fernão e seus alunos conseguiram fazer.

Um dia Francisco está demonstrando o vôo em alta velocidade a uma turma de novos alunos quando uma jovem ave, em seu primeiro vôo, entra planando diretamente em sua trajetória. Francisco Coutinho Gaivota guina fortemente para a esquerda a 320 quilômetros por hora, chocando-se com um penhasco de granito maciço.

“ Para ele, aquela rocha foi como uma gigantesca e dura porta para outro mundo. Uma explosão de medo, choque e escuridão quando bateu, e, em seguida, estava planando em um céu estranho, estranho, esquecendo, lembrando, esquecendo, com medo, triste, arrependido, horrivelmente arrependido.

A voz lhe chegou como naquele primeiro dia em que conhecera Fernão Capelo Gaivota.

– O problema, Francisco, é que estamos tentando superar nossas limitações de forma ordenada, pacientemente. Não tentamos voar através da rocha.

– Fernão!

– Conhecido também como O Filho da Grande Gaivota! – retrucou secamente o instrutor.

– O que é que você está fazendo aqui? O penhasco? Eu não... eu não... morri?

– Oh, Francisco, deixe disso. Pense. Se você está conversando comigo agora, então, obviamente, não morreu, certo? O que você conseguiu fazer foi mudar seu nível de consciência, mas de um modo um tanto abrupto. A opção agora é sua. Você pode ficar aqui e aprender neste nível – que é muito mais alto que aquele que deixou, por falar nisso –, ou pode voltar e continuar a trabalhar com o Bando...

– Eu quero voltar para o Bando, claro. Eu mal comecei ainda com o novo grupo!

– Muito bem, Francisco. Lembre-se do que dissemos sobre nosso corpo, que nada mais é do que o próprio pensamento...” (p. 69-72)

O Francisco que antes era ressentido e queria voltar ao bando para se vingar, agora quer voltar para ensinar. Francisco **já liderava mesmo antes de Fernão partir**, embora não percebesse isso. Ele escolhe **voltar para o bando** para aprender mais com os outros, para aprender ensinando. Isso já é sinal de que ele está assumindo a função de instrutor. O método de Fernão, que Francisco está aprendendo, não opera milagres: é um **exercício constante para alcançar a perfeição naquilo que ele mais gosta de fazer**.

“Francisco sacudiu a cabeça, estendeu as asas e abriu os olhos no sopé do penhasco, no centro do bando, ali reunido. Subiu da multidão um grande clamor de pios, grasnidos, quando ele se moveu.

– Ele está vivo! Aquele que estava morto vive!

– Tocou-o com a ponta da asa! Trouxe-o de volta à vida! O Filho da Grande Gaivota!

– Não! Ele nega isso! Ele é um demônio! DEMÔNIO! Veio para destruir o Bando!

Havia quatro mil gaivotas naquela multidão, assustadas com o que acontecera, e o grito, DEMÔNIO!, passou por elas como o vento de uma borrasca oceânica. Olhos vidrados, bicos fechados, aproximaram-se para matar.

– Você se sentiria melhor se fôssemos embora, Francisco? – perguntou Fernão.

– Eu certamente não objetaria demais se nós...

No mesmo instante, estavam juntos a uns 800 metros de distância e os bicos reluzentes da turba fecharam-se sobre o ar vazio.

– Por que – especulou Fernão, confuso – a coisa mais difícil do mundo é convencer um pássaro que ele é livre, e que pode provar isso a si mesmo, se apenas passar um pouco de tempo treinando! Por que isso tem que ser tão difícil?” (p. 72-73)

Algumas gaivotas saíram do bando para se unir ao grupo de Fernão, despertadas com a vontade de aprender. Foram poucas, mas o bastante para deixar as outras com medo. Sentindo-se ameaçado, o bando é tomado pela fúria e vê Fernão como o demônio. Na verdade se há um “demônio”, é esta

turba, esta multidão enfurecida – elas projetam em Fernão o que elas são. Operou-se, então, o **fenômeno da multidão, que age sem pensar**. O bando se tornou uma **massa indiscriminada, capaz de matar por medo de ser destruído**. Aqui vemos o poder destrutivo de certos grupos. Aqui, percebemos a importância de saber o **momento de ir embora, de não se oferecer como mártir. Há momentos em que podemos confrontar a tradição, outros não**. Mas Fernão sabe que há momentos como este, em que precisa ir embora, não só para se proteger, mas para proteger o bando, evitar que este cometa uma barbárie. Francisco não sabia disto ainda, mas Fernão o ajudou a perceber. Fernão sabe quão difícil é convencer os outros de que são livres e de que só vão se libertar através do esforço do aprendizado. Ele sabia que o que havia feito era muito ousado e estava consciente do perigo. Por isto soube sair no momento certo.

“Pela manhã o Bando esquecera aquele ataque de insanidade, mas não Francisco.

– Fernão, lembra-se daquilo que eu lhe disse há muito tempo sobre amar o Bando o suficiente para voltar e ajudá-lo a aprender?

– Claro.

– Eu não entendo como você consegue amar uma multidão de pássaros que há pouco tentavam matá-lo.

– Oh, Francisco, a gente não ama isso! A gente não ama ódio e maldade, claro. A gente tem que praticar e ver a gaivota autêntica, o bem em todas elas, e ajudá-las a vê-lo em si mesmas. Foi isso o que eu quis dizer com amor. E é divertido, quando a gente pega o jeito da coisa.” (p. 74)

Fernão mostra para Francisco que não se trata de amar quem nos odeia; se trata de **amar a potência que está em todos, a gaivota autêntica**. Assim, podemos perceber que os outros têm medo, que **na multidão o medo se multiplica, se transformando em pânico**. Mas, como amamos a gaivota autêntica que cada um traz dentro de si, **não nos assustamos tanto, mas fugimos do confronto**. Reconhecemos que naquele momento em que se transformaram em uma turba a melhor opção é ir embora.

“– Eu me lembro de um pássaro jovem e feroz, Francisco Coutinho Gaivota, era o nome dele. Acabara de ser declarado Pária, estava pronto para combater o Bando até a morte, começara a construir seu próprio amargo inferno nos Penhascos do Fim do Mundo. E aqui está hoje, construindo seu próprio céu e liderando o Bando nessa direção.” (p. 75)

Fernão mostra que, no passado, **Francisco teve ódio e correu o risco de viver preso no seu ressentimento**. Naquele momento, Fernão foi capaz de ver a gaivota autêntica de Francisco e de ajudá-lo.

“– Eu, liderando? O que é que você quer dizer com isso, eu liderando? O instrutor aqui é você. Você não pode ir embora!

– Não posso? Você não acha que possa haver outros bandos, outros Franciscos, que precisam mais de um instrutor do que este, que já está a caminho da luz?

– Eu? Fernão, eu sou apenas uma gaivota comum e você é...

– ...o Filho único da Grande Gaivota, acho? – Fernão suspirou e estendeu a vista para o mar. – Vocês não precisam mais de mim aqui. Você precisa continuar a descobrir a si mesmo, um pouco mais todos os dias, o Francisco Gaivota real, ilimitado. Você precisa compreendê-lo e submetê-lo a treinamento.” (p. 75-76)

Quando percebe que Francisco **está pronto**, Fernão se retira, assim como Chiang havia se retirado quando percebeu que Fernão já havia completado aquele estágio de aprendizado. Chega o momento de Francisco se tornar mestre e Fernão lhe pede:

“– Não deixe que eles espalhem boatos tolos a meu respeito, ou que me transformem em um deus. O.K., Francisco? Eu sou uma gaivota. Eu gosto de voar, talvez...” (p. 76)

“– Pobre Francisco. Não acredite no que os olhos lhe dizem. Tudo que eles mostram é limitação. Olhe com compreensão, descubra o que já sabe e descobrirá a maneira de voar.” (p. 76)

Fernão pede para Francisco não deixar que se espalhem boatos tolos ao seu respeito. Ele sabe que para muitas gaivotas será mais fácil espalhar boatos e transformá-lo em um deus do que entrar em contato e compreender o que está acontecendo. Quando Fernão parte, Francisco então se vê em frente à sua primeira turma de alunos:

“– Para começar – disse ele, severamente –, vocês têm que compreender que uma gaivota é uma idéia ilimitada de liberdade, uma imagem da Grande Gaivota, e todo o corpo, de uma ponta de asa a outra, nada mais é que o seu próprio pensamento.

As jovens gaivotas fitaram-no, curiosas. Hei, cara, pensaram, isso não parece uma regra para fazer um loop.

Francisco suspirou e voltou a falar:

– Humm.. Ah... muito bem – disse e examinou-os criticamente. – Vamos começar com o vôo em Plano Horizontal.” (p. 77)

Francisco percebe que este **não é momento para teoria**. Neste momento, é necessário ir para a prática com a mesma lição que Fernão usou com ele.

“E, ao dizer isso, compreendeu de repente que seu amigo, honestamente, não fora mais divino do que ele mesmo.” (p. 77)

No fazer, descobrimos que também somos capazes, nos tornando mestres. É isto que o mestre deseja: que deixemos de ser seus discípulos, nos tornando seus parceiros, agora sim companheiros no mesmo plano.

“E embora tentasse assumir uma aparência apropriadamente severa para impressionar os estudantes, Francisco Gaivota viu-os subitamente, todos eles, como eles realmente eram, apenas por um momento, e mais do que gostou, amou de paixão o que viu. Nenhum limite, Fernão?, pensou, e sorriu. Sua corrida para aprender havia começado.” (p. 77-78)

Francisco é capaz de **ver a gaivota autêntica** em seus alunos. **Um novo aprendizado começa no momento em que ele se torna mestre,**

dando continuidade ao conhecimento que aprendeu com Fernão. Quanto mais se ensina, mais se aprende. Quando somos tocados pelo conhecimento, somos despertados. Este conhecimento é uma energia que contagia, ilumina, desperta, e se liga à energia que também está nos outros, se propagando. Platão já dizia que o conhecimento é como uma luz que, quando acesa, aos poucos vai se propagando. O autor de *Fernão Capelo Gaivota* não faz nenhuma referência a Platão. Mas vemos o tempo todo em seu texto, escrito em estado de sonho, as idéias refletidas de Platão. **Francisco não vai se esquecer de Fernão, pois este conhecimento é para toda vida. Sabe que sua corrida para aprender havia apenas começado.**

PROJETO CÍRCULOS DE LEITURA

www.circulosdeleitura.org.br

Realização:

INSTITUTO BRAUDEL

ASSOCIADO À FAAP

A think tank, and a do tank

Apoio:



**FUNDAÇÃO
ODEBRECHT**



Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial
Rua Ceará, 02 - Higienópolis - 01243-010 São Paulo - SP
Tel.: (11) 3824-9633 Fax: 3825-2637
www.braudel.org.br - ifbe@braudel.org.br